

## Distrações perigosas<sup>1</sup>

Bernd Fichtner

Verdadeiramente revolucionário é o efeito do sinal secreto do vindouro, o qual fala pelo gesto infantil.<sup>2</sup>

(Walter Benjamin)

Nos últimos dez anos vivenciamos o colapso de três fronteiras importantes:

1. a fronteira entre o homem e o animal foi definitivamente desconstruída pelos resultados da pesquisa sobre os primatas;
2. a fronteira entre organismo e máquina foi aniquilada pelas pesquisas da neuro-informática e nano-tecnologia
3. a fronteira entre o físico e o não físico desapareceu.

Com o desaparecimento destas fronteiras todos os velhos dualismos, com os quais estávamos compreendendo a realidade, perderam a sua credibilidade, especialmente aqueles fundantes das distinções dicotômicas: matéria/espírito, corpo/mente, indivíduo/sociedade.

Neste novo cenário aparecem triunfantes as modernas tecnologias de informática e comunicação que, repentinamente, se mostram como todo poderosas na mudança das relações sociais perspectiva global. Essas tecnologias, como arrivistas, parecem imitar a onipresença e onipotência divina. Estabelecem-se como se fossem o novo deus da humanidade e das vidas humanas.

Não somente dos pedagogos se ouve a lamentação de que atualmente em vez de experiência a gente apenas experimenta vivências. Este somatório de vivências é acelerado pelas mass-mídias, que elaboram este fato na forma de códigos pré-estabelecidos. As tecnologias modernas materializam rapidamente estes códigos pré-estabelecidos; elas produzem uma complexa corrida, em diversos níveis, que se inicia com um leve toque do dedo no mouse à direita do teclado do computador. A prática com as tecnologias modernas parece universalizar a situação do trabalhador nas fábricas automatizadas, que realiza gestos sem que estes sejam acompanhados de sentidos, mas apenas de resultados. Neste ambiente, o trabalho é totalmente fechado à própria experiência do trabalhador.

Neste contexto, emerge o irritante projeto *Janelas para o Mundo*, imaginado e coordenado por Maria Benites, formulando perguntas como

Que idéia de imagem e comunicação precisamos elaborar para compreendê-las no contexto das relações de comunicação pela internet, entre grupos de diferentes culturas de periferias, tal como propõe o projeto?

É possível que os atores envolvidos nessa comunicação, usando web-cam, construam um imaginário radicalmente distinto daquele a que estamos acostumados a encontrar nos processos tradicionais de comunicação?

Como compreender o novo que se pode encontrar nessa prática?

---

<sup>1</sup> In: Maria Benites (2006) (org.) *Janelas para o mundo*. Dialogo com outras vozes. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto. p. 9-16.

<sup>2</sup> Programa de um teatro infantil proletário, p 88

Não tenho nenhuma resposta a estas perguntas, mas gostaria de tematizar- e comentá-las com algumas indicações encontradas nos textos de Walter Benjamin, autor que apresentou um modelo muito provocante de “Formação e Educação através das Mídias”, um modelo que talvez ajude a encontrar os caminhos de formulação de respostas para as perguntas chave do projeto.

Benjamin não chegou a elaborar sistematicamente o modelo, porém traçou os contornos que permitem construir um sistema de três perspectivas, entendidas estas literalmente como “modos de olhar”.

A *primeira perspectiva* focaliza o problema das “experiências e *media* modernos” e nesta relação está contida a hipótese de uma “Pobreza de experiências”, com o enfoque da problemática nos termos que o autor vinha-se ocupando desde seu famoso ensaio “Experiência e Pobreza” no 1933 (veja 1985 a).

É na controvérsia com Adorno se explicita a *segunda perspectiva*: Benjamin se contrapõe à posição de Adorno para quem as “mass-mídias” causam a pobreza de experiência ou, ainda mais radicalmente, impossibilitam a experiência pela manipulação ideológica das massas. Em sua contra-argumentação Benjamin insiste que a superfície dos objetos concretos representam os *Media* da experiência e que neste *Medium* específico que são as comunicações de massa existe a possibilidade de rompimento com o estabelecido, transgredindo com os sentidos veiculados. Rudimentos de uma teoria de experiência mediada também se encontram nos ensaios “Sobre Linguagem em geral e sobre a Linguagem do homem” e “Sobre o programa de uma filosofia futura”. É na estrutura medial da linguagem que Benjamin vê o modelo básico de experiência. As condições da possibilidade de experiência não se relacionam com os sujeitos singulares e concretos, mas com a linguagem como *Médium*.

A terceira perspectiva fica clara nos diferentes ensaios sobre infância, brinquedo e jogos (veja 1984b; 1984 c), e também no artigo sobre as coleções em “Rua de Mão Única” (1987). Para Benjamin, o contexto das atividades infantis constitui a área de experiências ainda possível nas condições da modernidade.

## **I. Experiência e *media***

No seu famoso ensaio sobre “A obra de arte na época da reprodutibilidade (1985 b) W. Benjamin supõe que a percepção humana de nossa época será mudada essencialmente pelas modernas mídias e novas aparelhagens técnicas, chamando a atenção para essas mudanças com o aparecimento do cinema. Na comparação com o teatro, o cinema artificialmente reúne o que foi fragmentado pela sua própria aparelhagem, criando assim “o olhar para uma realidade imediata”. A representação da realidade pelo cinema é, para o homem moderno, extremamente significativa, porque “a realidade, aparentemente depurada de qualquer intervenção técnica, acaba se revelando artificial e a visão da realidade imediata não é mais do que a visão de uma flor azul no jardim da técnica”.

Uma das conseqüências deste jogo de representação é que nossos órgãos de percepção estão diretamente expostos a uma manipulação técnica, já que os *media* técnicos são orientados a não entrar no sujeito, mas a provocar o sujeito a ir para “fora de si”. Este “estar fora de si” é produtivamente qualificado por Benjamin, já que para ele a “**distração**” é o modo de recepção dos filmes pelas massas. No exemplo do modo de percepção da arquitetura e de como se lida com ela, Benjamin encontra os mecanismos dessa recepção “*distraída*”, que é oposta à contemplação estética cuja essência é a concentração do sujeito singular. Na recepção “*distraída*” da arquitetura usamo-la para elaborar costumes de viver com a estrutura espacial, sem que a própria estrutura espacial arquitetonicamente construída seja objeto de contemplação. Um exemplo didático desta recepção podemos encontrar na Praça de São

Pedro, pela qual caminhamos para chegar à Basílica de São Pedro abraçados pelas galerias de colunas que compõem os braços que abarcam nosso corpo inteiro, sem que tenhamos consciência deste fenômeno. Este seria um exemplo do que Benjamin chamou de *experiência tátil*.

O cinema possibilita, para Benjamin, novas formas de auto-determinação. Os olhos dos espectadores são capturados pelo olho da câmera: são olhares dirigidos do exterior de modo que todos se unem na constituição da instância que percebe, uma instância coletiva, em outras palavras, as massas.

Esta avaliação conduz Benjamin para a posição otimista de uma “Politização da Arte” contrária a uma “estetização da política”, mecanismo com o qual o fascismo dirige a dinâmica política e também as massas, baseado no esquema tradicional de recepção de uma obra de arte. Este esquema implica um sujeito isolado, contemplador, que dirige seu próprio olhar para capturar fora de si o que o essencializa.

Segundo Benjamin o fascismo “diz *Fiat ars - pereat mundus*” (A Arte deve surgir- O mundo pode ser destruído) e “espera que a guerra proporcione a satisfação artística de uma percepção sensível, modificada pela técnica, como faz Marinetti. É a forma mais perfeita do *art pour l’art*. Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver a sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem como um prazer estético *Eis a estetização da política, como a pratica o fascismo. O comunismo responde com a politização da arte.*” (Benjamin 1985 b, p. 196).

No sujeito coletivo que percebe a obra de arte mediado pelos novos aparelhos técnicos Benjamin enxerga uma perspectiva de futuro, já que é da essência desta recepção sua ocorrência coletiva, em que o sujeito singular é capturado pela aparelhagem técnica para construir o sujeito coletivo. Neste sentido, a posição construída por Walter Benjamin se contrapõe às posições pessimistas que entendem ser impossível, face às tecnologias modernas de informação e comunicação, qualquer experiência original, mas também se opõe às posições otimistas que defendem que estas mesmas tecnologias permitem a liberdade total do indivíduo singular.

Esta posição de W. Benjamin nos permite perceber que tanto a posição pessimista quanto a posição otimista, relativamente às novas tecnologias de informação e comunicação, obedecem à mesma lógica, aquela da aposta no sujeito singular. Com a perspectiva que constrói, Benjamin nos desloca desta lógica para compreendermos como se constitui o sujeito coletivo mesmo no contexto de desenvolvimento tecnológico mais caro ao sistema de produção baseado no sujeito singular.

## II. Linguagem e experiência mediada

A elaboração continua de uma teoria da experiência mediada é um dos temas principais de W. Benjamin. A linguagem é para ele o protótipo de qualquer *médium*. Na linguagem Benjamin busca e encontra o ponto principal da experiência não reduzível à percepção sensorial. Na linguagem humana a ordem das coisas é evocada pelos signos, mas não diretamente representada por eles. Aqui a coisa nomeada aparece como algo novo para o sujeito que está nomeando, pois incorpora um sentido (e não a própria coisa). Neste funcionamento da linguagem Benjamin vê o modelo básico de experiência. No seu texto “No Sol”, sobre o caminhar no verão na ilha de Ibiza, ele expressa sua posição:

É um mudar e confundir;

Nada permanece e nada desaparece;

Neste tecer, de repente, se dissolvem os nomes, e já sem palavra este tecer entra no caminhador, e enquanto os seus lábios o modulam, ele o reconhece.

Os nomes surgem. E o que mais se precisa desta paisagem?

Naquela aura sem nomes o tecer submerge, sem deixar rastro nenhum.

Nomes das ilhas, que surgem do mar ao primeiro olhar como grupos de mármore,  
dos recifes, faz-se o horizonte ríspido,

das estrelas que o surpreenderam na canoa, quando na alvorada do obscuro as palavras tomam a guarda.

O zunir das cigarras emudece,

a sede passou,

perdeu o dia<sup>3</sup>

O caminhador experimenta os nomes não como coisas do léxico, mas coisas que estão separadas da paisagem. Assim é apresentado para o novo. As coisas são apresentadas como algo novo, elas são experimentadas não diretamente pelo olhar intuitivo, mas na linguagem, nos nomes. ***O eixo da representação e da experiência se cruzam na estrutura medial da linguagem.***

Isso vale exemplarmente para a experiência infantil, sobretudo para este período no qual as crianças fazem a experiência fascinante em que qualquer objeto tem um nome. No texto “Rua de Mão Única”, e também nos ensaios “História cultural do brinquedo” (1984 b) e “Brinquedos e jogos” (1984 c) Benjamin demonstrou isso exemplarmente. Esta relação original entre o homem e os objetos, Benjamin caracterizava como “*Mimese*”, para ele uma relação comunicativa entre o “self” e o outro. A experiência tem o potencial de construção de sentido só quando ela se insere no processo de representação.

As mídias técnicas determinam atualmente os processos de representação em qualquer sociedade moderna. Como para Benjamin a possibilidade de uma relação com o mundo, construindo um sentido, se encontra somente numa representação medial, então no processo mediado pelas novas tecnologias de comunicação e informação há a possibilidade de construção de uma relação de sentido original com o mundo e com os outros.

### **III. Experiência infantil e educação**

Na última parte de “Rua de Mão Única” com o título de “A caminho do Planetário”, Benjamin escreve: “Quem, porém, confiaria num mestre que só sabe bater nas crianças, declarando a dominação das crianças pelos adultos como o sentido da educação? Não é a educação, antes de tudo, a indispensável ordenação da relação entre gerações e não a dominação das crianças? E assim também a técnica não é a dominação da Natureza: é a dominação da relação entre Natureza e humanidade”.<sup>4</sup>

Em “Obra das Passagens” (1982), o autor é extremamente claro quando define o papel da infância: “A tarefa da infância é transportar o novo para o espaço simbólico, a criança é capaz de algo que o adulto não consegue, reconhecer o novo. Para nós as locomotivas já têm um caráter simbólico porque as encontramos já na nossa infância, para nossas crianças os carros têm um caráter simbólico. Nós adultos conseguimos ver só um lado elegante, moderno e interessante nos carros. A cada coisa que surge como algo realmente novo na sociedade

---

<sup>3</sup> tradução da prosa poética de Walter Benjamin por BF.

<sup>4</sup> Em razão da distinção de sentido entre o texto em alemão e o texto traduzido para o português, preferi fazer uma tradução direta do alemão desta passagem do ensaio.

correspondem novas imagens, a infância elabora essas novas imagens, para incorporá-las ao tesouro de imagens da humanidade.” (1982, pág. 493; traduzido do alemão por BF)

...

Acredito que as três perspectivas de Benjamin oferecem possibilidades de ver, tematizar e problematizar o projeto *Janelas para o Mundo*. Trata-se de uma recepção e comunicação, baseadas nas novas tecnologias: a distração, a relação entre experiência e representação e finalmente uma nova relação entre educação e desenvolvimento de crianças, na qual a “apropriação do novo” está no centro, são características nas práticas deste projeto. Enquanto o ensino sistemático, mesmo aquele do uso das novas tecnologias, aposta no aprender o já estabelecido, a experiência de apropriar-se do novo, de forma coletiva e num processo de comunicação entre grupos, em que olhares e sujeitos são capturados para irem para fora de si mesmos em busca do outro, implicará necessariamente na construção de sentidos novos.

## Bibliografia

- Benjamin, W. (1984 a): Programa de um teatro infantil. Em: Benjamin, W.: Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, pp83 – 88.
- Benjamin, W. (1985 a): Experiência e pobreza. Em: Benjamin, W.: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia de cultura. Obras escolhidas. Volume 1, São Paulo, Editora Brasiliense, pp114 –119
- Benjamin, W.(1987): Rua de mão única. Em: Obras escolhidas, Volume .II, São Paulo Editora Brasiliense, pp 9 – 70.
- Benjamin, W. (1985 b): A obra de arte na era da sua reprotubidade.. Em: Benjamin, W.: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia de cultura, Em: Obras escolhidas. Volume 1, São Paulo, Editora Brasiliense, pp 165- 196.
- Benjamin, W.(1982): Das Passagen-Werk. Em: Gesammelte Schriften. Volume.V. Frankfurt: Suhrkamp.
- Benjamin, W.(1955): Zum Planetarium. Em: Einbahnstraße. Frankfurt/M: Suhrkamp., pp. 123 – 126.
- Benjamin, W. (1984 b): História cultural do brinquedo. Em: : Benjamin, W.: Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984, pp 67-70.
- Benjamin, W. (1984 c): Brinquedos e jogos. Em: Benjamin, W.: Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984, 71 -76